

A EPOCA.

JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

AFFRONTA POR AFFRONTA

DRAMA EM 4 ACTOS.

(Continuado do n.º 35.)

AFFONSO.

(Com um movimento de piedade). Não queiras saber o motivo desta tristeza . . . não t'o podia dizer . . . era matar-te! (com abatimento) segredos há na vida que seria um sacrilegio o arremessal-os a uma alma innocente (dando no peito). Deixa que elle me devore o coração — é um thesouro d'angustia que ninguém me pôde roubar.

ISABEL.

(Com candura). E eu não sou assim! . . . Quanto daria eu para ter um segredo, e poder contar-to, contar-to muitas vezes! Já vejo que não me amas como eu te amo (com ciume). Amarás tu outra mulher?

AFFONSO.

(Solemne). Não! juro-te que não! . . . Amei-te, amaste-me sem eu o merecer! E's o meu primeiro, o meu unico amor na vida!

ISABEL.

(Com enthusiasmo). Oh! repete-me — repete-me muitas vezes essas palavras! (mudando de tom). Mas eu tenho ciume desse passado — desse passado que tu vives-te sem mim! Esquece-o — Affonso — esquece-o — que o futuro? Não vês tu sorrir o futuro?

AFFONSO.

(Com angustia). Não! sinto que não! cada hora mais que vivo, me aproxima d'alguma catastrophe . . . Esquece — dizes tu que esqueça! E pôde o homem mandar no coração, quando elle revolve todos os dias esse passado, que se aproxima de mim para me amaldiçoar! Isabel! Esqueci de mais — esqueci de mais: é força que me lembre tarde ou cedo!

ISABEL.

(Com ternura). Vou dar-te uma boa nova

TOM. II.

ha-de desfazer esses pensamentos que te preocupam Meu pae quer-me casar diz que teme que a nossa linhagem se extinga Pede-me — pede-me: meu pae estou certa que te não ha-de recusar

AFFONSO.

(Sombrio). Não! nunca! (emendando-se). Não posso! não posso! não sabes tu que a minha cabeça está a preço que sou um proscripto, que a minha alliança é tão desprezada como a do carrasco?

ISABEL.

(Escutando o rasto com as mãos). Ah!

AFFONSO.

(Em ironico e piedoso). E vieste tu, ó rosa, acollher-te ao seio do deserto, sem temer que as suas arêas se crestassem — que o seu vento te desfolhasse folha por folha?

ISABEL.

(Receosa, e commovida). Oh! bem mo dizias tu — esse terrivel passado não acorda só para ti, tambem a mim me condemna! (com paixão). Ao menos sofreremos ambos! (mudando de tom). E como poderia eu esconder a minha vergonha, a vergonha da minha familia (como illuminada d'um pensamento). Ah! fugirei contigo, partilharei as mesmas agonias, chorarei as mesmas lagrimas, serei proscripta como tu! (Ouve-se neste momento bater á porta do fundo com grande força).

O CONDE.

(De fóra). Isabel! Isabel!

ISABEL.

(Com temor). E' a voz de meu pae!

AFFONSO.

Teu pae! Não te dizia eu, Isabel, que não deviamos adormecer em loucas esperanças que a minha sina não mudaria, nem mesmo aos impulsos do teu amor? (á parte). Ainda bem! E' a fatalidade que o conduz!

O CONDE.

(De fóra). Abre! abre! Isabel!

ISABEL.

Santo Deus! aonde poderei esconder-te?

AFFONSO.

Fugirei pela janella!

ISABEL.

Já não é tempo!

O CONDE.

(*De fóra*). Abre! abre! minha filha! que são boas as novas!

ISABEL.

(*Fazendo entrar Affonso para o seu quarto*). Esconde-te ahí — Affonso — esconde-te! (*abrindo a porta*). Aqui estou — meu pae!

SCENA IV.

AFFONSO (*oculto no quarto*) ISABEL, e o CONDE.

O CONDE.

Alviçaras! alviçaras! Vieram-me dar parte da chegada d'um galeão da India, acaba agora mesmo de entrar no porto. . . . Teu irmão chegou finalmente. . . a sua vinda tirou-me do coração um grande peso! . . . (*reparando na palidez de Isabel*). Porque estás tu tão pallida? (*reparando na sua perturbação*). O que te afflige? Porque te conservas ainda vestida, a horas tão adiantadas da noute? (*como ferido d'um pensamento*). Quem estava contigo? Eu ouvi duas vozes. . . (*com amargura*). Dize-me — dize-me — filha — allivia-me o peito desta angustia!

ISABEL.

(*Perturbada*). Juro! . . . juro que estava só!

O CONDE.

Oh! filha! filha! que cruel desconfiança! (*mudando de tom*). Não! agora me recordo. . . eram duas as vozes que eu ouvia. . . tu fallavas com alguém?

ISABEL.

(*Do mesmo modo*). Fallava comigo mesmo. . . . sonhava talvez. . . .

O CONDE.

Dize-me — dize-me quem estava contigo (*dirigindo-se para a porta do quarto*).

ISABEL.

(*Com terror embarçando-lhe a passagem*). Perdão! perdão! meu pae! (*emendando-se*). Não era ninguém. . . juro que não era ninguém?

O CONDE.

(*Parando como fulminado de dór*). Oh! meu Deus! meu Deus! que provas reservavas tu para a minha velhice! . . . (*mudando de tom*). Onde está — onde está esse homem?

AFFONSO.

(*Abrindo a porta, e apparecendo*). Aqui, senhor. Sou eu.

O CONDE.

(*Levando a mão ao punho da espada*). A affronta ha-de-te sahir cara!

ISABEL.

(*Dando um grito, e mettendo-se de permeio*). Não o mateis! não o mateis, meu pae! E' proscripto, mas é nobre, tão nobre como nós!

O CONDE.

E como se atreve um fidalgo a attentar contra a honra d'outro fidalgo? Como ousa um mancebo deshonrar as cans d'um velho, manchar uma casa illustre, arremessando-lhe a vergonha, e o opprobrio?

AFFONSO.

(*Ironico e immovel*). O mesmo dizia eu ha dois annos, quando vosso filho deshonorava uma casa não illustre, mas honesta, uma donzella que não era nobre, mas era virtuosa!

ISABEL.

(*Cahindo desfallecida*). Santo Deus! era aquelle o seu segredo!

O CONDE.

E não podieis leva-lo a um duello, a um repto de morte?

AFFONSO.

(*Do mesmo modo*). Assim fiz: mas elle era rico, e eu pobre, elle era nobre, e eu villão, a nodoa não se apagou (*com raiva*) nem com sangue, nem com lagrimas!

O CONDE.

E se és plebdo, para que ousás-te, miseravel, profanar a honra d'um nobre, mentindo a tua origem?

AFFONSO.

(*Terrivel*). Tendes razão: mas assim o quiz o destino: o fidalgo fez-se villão para seduzir a mulher do povo: o villão fez-se fidalgo para deshonnar a mulher nobre!

ISABEL.

(*Dando um grito terrivel*). Affonso! Affonso! agora sei o teu segredo!

Lopes de Mendonça.

(Continua.)

Sr. Editor. — A sentida morte do Sr. Luiz Antonio Rebello da Silva, pae de um dos Redactores do seu estimavel Jornal, o priva esta semana da sua collaboração.

Sei que o não posso substituir, mas como redactor da Revista Universal Lisbonense, considero-me irmão de quantos na imprensa se empenham na obra da civilisação, e como tal julgo-me obrigado a substituir qualquer dos meus collegas nos seus deveres litterarios.

O artigo, que envio a V. para ser publicado em logar do que poderia esperar do Sr. Rebello, não tem outro merito além da intenção com que o offereço para as columnas do seu util Jornal.

Sou &c.

S. J. Ribeiro de Sá.

A ESCULPTURA IDOLATRA E A ESCULPTURA CHRISTÃ.

A immensa familia dos Dédalos, creada pelo mara-

vilioso pensar de um povo, que talvez só pela fabula mostrou, que a sua vida se não prendia toda á terra, aperfeiçoou a escultura em uma das suas partes — na fórma: — mas foi mister muito tempo para que em Athenas, na Etruria e na Egina deixassem de apparecer reproduzidas por muitos modos as fórmas cylindricas do imperfeitissimo Apollo de Amycleo, ou as mesquinhas proporções da Diana de Tauris. — As copias eram sempre disformes, porque os modelos tambem o eram, apesar de terem sido feitos depois de que a intelligencia separou da massa informe, que até certo tempo foi considerada como uma obra de escultura, os braços da primeira estatua de Minerva. Essa estatua declarou guerra ás mumias, de páu que imitando as produções da escultura egypcia succederam ás composições do estillo grotesco, as quaes tanto recordavam o capricho e rude gosto expresso na *sphynx* e *hyeroglyphicos*.

O genio dos egypcios, na escultura, como em tudo, foi severo, ou grotesco, e assim mesmo excedeu muitas vezes a magnificencia dos persas, assim como estes foram excedidos pela sumptuosa Assyria, que não cabendo nos limites que lhe marcava o Linse Crapus se prolongou por entre a Media, Mesopotamia, Armenia e Babylonia até acabar a sua existencia brilhante com a morte terrivel do infame Sardanapalo.

Qualquer que seja o assumpto que se estude, quando analysemos bem os factos, sempre encontramos a Asia como berço da humanidade. — Mui respeitaveis escriptores teem provado o seu muito saber, demonstrando que antes das Bellas Artes começarem a brilhar no Egypto, e a immortalisarem a Grecia, já tinham espalhado na Asia a sua purissima luz.

As maravilhosas descripções que Clezias nos deixou do templo e do palacio, que julgamos edificados no tempo de Semiramis, foram em grande parte a causa da architectura pertender encontrar as provas da sua antiguidade nos jardins suspensos desse palacio; e da escultura querer tambem ligar a sua historia, ás estatuas de Ninus, Belus e Semiramis (1). Plinio asseverando que o periodo, em que as Bellas Artes mais floresceram na Grecia, foi durante a LXXXIII olympiada, confirmou a opinião dos escriptores de que fallamos: pois que as medalhas de Gelon, muito anteriores a esta epoca, eram desenhadas e gravadas com tal esmero, que se poderia considerar a escultura da Sicilia em um estado de perfeição quasi semelhante a este. Cicero é desta opinião, assim como os auctores que affirmam ter sido Zeuxis, celebre pintor da Grecia, discipulo do siciliano Demophilo de Himero. — Epicharmus conta que Silase, pintor de Regge, na Calabria, tinha ido pintar ao Peloponneso, e em Pausa-

nias se encontram memorias do talento de Micon, esculptor de Syracusa.

De todas estas citações, que alguns terão por fastidiosas, se tira entre outras uma consequencia importante, e vem a ser, que assim como nas costas do mar vermelho se alevantaram templos no estillo grego, tambem não deve admirar que o saber dos Brachames se transmittisse da parte oriental do continente Asiatico para a parte occidental do mesmo continente. — Em apoio desta opinião se póde citar a descripção que faz Diodoro da Sicilia, de um templo de Jupiter, edificado para além da Ethiopia, assim como o que diz o viajante Owsigton, e muitas descripções que se encontram na estimavel — Historia geral das viagens — na qual bastantes temos lido. Todos estes factos provam que perto do equador despontaram os primeiros raios da luz do genio, que havia de alumiar o mundo com os seus prodigios. Isto mesmo comprova o que diz em mais de um lugar o nosso Fernão Mendes Pinto.

A philosophia da arte não deve examinar profundamente estas questões, e quando trata da origem dos monumentos abandona as excavações de Herculano, esquece a Roma moderna encravada nas ruinas da Roma antiga, e abrindo o primeiro livro do mundoahi vê que para memoria da alliança entre Abimelech e Abrahão, este para perpetuar a lembrança do juramento cavou um poço (2), e plantou um bosque no deserto de Bersabé, onde Agar e seu filho teriam morrido de sede senão fosse a providencia de Deus; tambem vê Abrahão levantando altares como signaes do muito que Deus o presava e ao seu povo, e Jacob tirando a pedra que tinha debaixo da cabeça, quando adormecido vira em sonhos a escada mysteriosa, em que Deus se firmava e pela qual os anjos subiam e desciam, convertendo-a em padrão derramando oleo sobre ella (3).

A philosophia da arte depois de admirar muitos outros factos semelhantes a estes, para ir avante na sua analyse, medita por largo espaço nos monumentos da passagem do Jordão. — Nesses simples e santos monumentos a fórma não existe, como uma significação reconhecida, nem ao menos indicada: — o pensamento é tudo. Josué ordena a dois homens, um de cada tribu, que vão ao meio da madre do Jordão, diz-lhe que tragam de lá cada um uma pedra, e depois falla-lhe deste modo (4) « Quando amanhã vos perguntarem vossos filhos, dizendo, — Que significam estas pedras? vós lhes respondereis. — As agoas do Jordão desappareceram diante da Arca do concerto do Senhor, quando passou por elle, e por isso se puzeram aqui estas pedras para servirem aos filhos de Israel d'um

(1) Este nome foi commum a muitas rainhas da Assyria, não havendo certeza, ácerca de qual foi a de que fallou Clezias. — Tambem se vê pela chronologia de Castor que a Assyria teve dois reis chamados Ninus, um o fundador de Ninive e outro que reinou pouco antes do fim do imperio.

(2) Gen. Cap. XXIX v. 30 e 33.

(3) Gen. Cap. XXVIII v. 12 — o costume de que falla esta passagem do Genesis foi perpetuado pelos Phenicios que adoravam certas pedras ungidas a que chamavam Betylas.

(4) Josué Cap. IV. v. 6 e 7.

eterno monumento. » Nestas palavras está encerrado o pensamento sublime e santo, que é a essencia da architectura e da esculptura, e que a perfeição da fórma chegou a esconder, menos durante a idade media, porque nesse tempo as bellas artes foram tão do céu pelo pensamento como pela fórma.

A' esculptura descobriu-lhe Miguel Angelo o novo mundo do pensamento, e Canova fez conhecidos os prodigios que podiam nascer dos novos dominios com que o Catholicismo dotou a imaginação.

O apparecimento destes dois genios extraordinarios, destes dois artistas excepcionaes, foi de tal importancia para o futuro da arte, que ainda hoje se não podem devidamente analysar todos os seus resultados, nem prever as consequencias que dos seus estudos deduzirão as gerações vindouras. O estado, em que hoje se apresenta a esculptura em toda a Europa, é uma consequencia do apparecimento desses genios, ambos fecundos e elevados: pois que se Canova espalhou as producções do seu talento por toda a Europa, Miguel Angelo não quiz deixar a sua memoria gravada em um só dos ramos da arte.

E se o innocente e inspirado genio do meigo Urbano encanta mais do que as obras do sombrio e fecundissimo genio do ousado Buonaroti, não devemos esquecer o robusto e magestoso pensamento que dominava o homem, que, na Basylica de S. Pedro, deixou para sempre illustrado o seu nome. Se admiraes os navegadores intrepidos que rasgaram com as popas dos galeões o véu espesso, que aos olhos do occidente escondia novos mundos, admiraes tambem o homem que á força de pensar poudo dizer: — dae-me um ponto no espaço que possa servir de fulcro, e com uma alavanca moverei o mundo! — Sem esquecer Canova devemos admirar e respeitar o pensamento, que, se não se manifestou em todas as producções com todo o esplendor do genio, que sempre dá origem a um primor de arte, é porque se não pôde ser o primeiro homem nas tres grandes ramificações das bellas artes, assim como tambem era impossivel que Archimedes encontrasse o ponto que desejava.

Canova e Miguel Angelo mostraram ao mundo que o sentimento não devia ser sacrificado á formosura das fórmas, e que o genio e saber do artista podiam dar uma fórma bella ao marmore, e ao mesmo tempo transformal-o em espelho do seu sentir. Por mais verdadeira que sejam as descrições que Plinio e Quintiliano nos deixaram de Jupiter de Phidias, é mister confessar que se na alma deste artista echoaram os sons da lyra de Homero, por certo as suas obras deviam mostrar que não tinha ouvido os canticos divinos de David.

Se a Grecia, no tempo de Pericles e de Alexandre, foi celebre pela perfeição a que chegaram as bellas artes, é porque nessa primeira patria da liberdade se ouviu a voz de Platão; mas assim como a vasta e magestosa imaginação de Homero não chega á divina

imaginação do Rei Propheta, tambem a philosophia de Platão suspensa entre a luz da verdade e as trevas do erro não se pôde comparar com a philosophia de Jesus, a qual provindo de Deus foi escripta na cruz do martyrio com o sangue do seu Filho Unigenito, e por isso os artistas gregos não podiam communicar ás suas obras áquelle sopro da vida, que os artistas christãos receberam das paginas do antigo e do novo Testamento.

O christianismo transformou a esculptura, assim como todas as outras ramificações da arte — ennobrecceu a razão, elevou o pensamento até onde podia chegar, e desde o seu apparecimento as lyras não se afinaram só para cantar a desenvoltura, ou as conquistas dos tyrannos, o escopro não transformou a pedra na origem do robusto gladiador, e o pincel não serviu unicamente para lisongear as mesquinhas vaidades da terra, porque os homens já não podiam escravisar a arte, assim como haviam escravisado o seu semelhante. — Os foros da liberdade do pensamento tinham sido firmados com o sangue do Homem-Deus.

Foi n'um periodo chamado idade media, e no qual o christianismo mais floresceu, que a arte levantou sobre o mundo o maior monumento da intelligencia humana, — esse poema maravilhoso, do qual o primeiro canto foi escripto por Dante Alighieri, e o ultimo por Miguel Angelo.

A poesia, que se deve considerar como a essencia da arte, assim como a fórma é a sua manifestação, acolhida no seio do christianismo, juntou pelas suas harmonias suavissimas, o portentoso do imaginar á angelica doçura da inspiração; e reconhecendo a nova lei como o cumprimento da antiga, mostrou que provinha de ambas. — E assim é, pois que o magestoso pensamento, que transluz nas paginas da Biblia, confunde-se bastantes vezes com o humilde pensamento contido nas paginas do Evangelho: é tambem a nova lei se assemelha pelas previsões do futuro aos divinamente horriveis anáthemas da lei antiga. — Uma é o resultado da obra do Pae, a outra da obra do Filho — o amor que os une é a origem da poesia, e completa a trindade eterna manifestando pelo pensamento a idéa da unidade. — As bellas artes, em virtude do baptismo de fogo que receberam no Sinai, e do sangue divino que as chrismou no Golgotha, mostraram a imagem de Deus quando a fórma não escondeu a inspiração da intelligencia. — Os resultados desta revolução espiritual manifestaram-se completamente na esculptura christã.

S. J. Ribeiro de Sá.

POESIA.

O CIPRESTE.

Minha Armia, um arbustinho
 Já não sou qual me deixaste,
 Tenho lindos ramos verdes,
 Que me bracejam sobre haste.

Já não sou o ciprestinho,
 Que tu cantavas outr'ora,
 Ergo a fronte entre as parreiras
 Saudando a luz da Aurora.

Aprendi a entristecer-me
 Com esses que além campêam,
 Que nas saudades da tarde
 Tristemente se menêam.

A Trigueirinha da Serra
 Ao vêr-me pôe-se a chorar!..
 Diz consigo « Este cipreste
 « Gera profundo scismar.

« O gemer de suas ramas
 « Que saudades que me faz
 « Dessa que (ai triste!) não vejo,
 « De minha mãe que além jaz!...

« Quando chego á sua sombra,
 « Ai! sinto-me entristecida....
 « Não sei que escuto cá dentro,
 « Que me falla de outra vida.

« De noite ao correr tristonho
 « Do sino do presbiterio,
 « Tenho medo.... vejo, escuto
 « Nus sombras negro mysterio!

« Mas ao raiar d'alvorada
 « Mysterio, sombras, e medo,
 « Tudo vòa a esconder-se
 « Nos seios do arvoredado.»

Aqui vem de longe em longe
 Trovador da solidão
 Disferir tristes acordes,
 Magoas do seu coração.

— Mas a quem devo taes honras?
 A quem tanto me adorou;
 Ao teu genio, ó terna Armia,
 Que meu nome eternizou.

VERSOS ESCRIPTOS N'UM ALBUM.

Que esperas tu folha branca?
 De mim que esperas? Responde?
 — Um segredo não se esconde
 Onde tantos podem lêr.
 — Esperas uma harmonia,
 Ou um canto de alegria?
 — Dessas cousas algum dia
 Eu tambem soube fazer.

Porém hoje!.. — Um anno inteiro
 Branca folha tens esp'rado.
 — Podia ter-te contado
 O meu intimo soffrer.
 — Que te importa a desventura
 De minha alma? — Tu és pura
 E's branca, tens formosura...
 Não sei que te hei-de dizer.

Dizer-te que o mundo é bello?
 Não direi que te enganava,
 Não te direi que sonhava
 Entre perfumes viver:
 Fallar não posso de flores,
 Não posso cantar amores
 Nem revelar negras dôres
 Que o peito sabe esconder.

— Escuta folha; não queiras
 Saber mais dos meus segredos,
 Deixa-os aqui mudos, quedos,
 Na minha alma adormecer.
 — Não nos saberá ninguem;
 Aqui te juro tambem....
 Morrerão comigo além
 Na cova, quando eu morrer.
João de Andade Corvo.

INDUSTRIA E SCIENCIAS.

O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

(Continuado do n.º 35.)

866.º Os terrenos marnosos e calcareos conveem particularmente á luzerna, mas é indispensavel que sejam preparados com lavouras reiteradas e profundas para ficarem bem esterroados e inteiramente limpos das hervas ruins. Esta planta dá-se perfeitamente nas terras donde foram arrancadas as vinhas, naquellas

que foram submittidas ás culturas sachadas, e nas que estiveram algum tempo de pousio, principalmente sendo estrumadas e *gessadas*. Quer-se em clima temperado, e prospera perfeitamente nos paizes meridionaes da Europa.

867.º Posto que muitos agricultores cultivem já a luzerna com grande proveito em algumas das nossas provincias, e particularmente nos arredores de Lisboa, todavia esta cultura está muito longe de ser entre nós tão geral como conviria que fosse. Ha muitos paizes na Europa como são entre outros os que se acham proximos do Rhim, a Flandres franceza, a Belgica, e a Hollanda que lhe devem em grande parte o seu bem estar; nós tivemos occasião de admirar em alguns destes paizes o viço e a pompa dos seus riquissimos luzernaes.

868.º A sementeira da luzerna deve fazer-se em fins de Setembro ou em meados de Março; mas a primeira epoca parece-nos preferivel no nosso clima, e principalmente nas nossas provincias do sul, onde os rigores do inverno raras vezes são excessivos. Convem semear esta leguminosa com o centeio, com a cevada, com as ervilhas e com o *serraceno* que a protegem e abrigam durante a primeira epoca do seu desenvolvimento. Semea-se na razão de quarenta arateis por geira, e convem empregar tanta mais semente quanto menos favoravel lhe fôr o solo. A boa semente é luzidia, e de uma bella côr amarella: a branca é considerada como não madura, e a escura como velha e deteriorada.

869.º Nos mezes de Fevereiro é conveniente gradar; e mesmo, em certos casos em que os prados se vão arreivando de hervas ruins, metter-lhe o extirpador. Esta operação faz prosperar os luzernaes, e assegura-lhe uma mais longa duração. E não nos devemos arrecear de prejudicar as plantas despedaçando-lhe com os dentes da grade o colo das suas raizes, porque as que forem assim mutiladas rebentarão com duplicado vigor.

870.º As raizes da luzerna penetram até á profundidade de muitos pés; donde se collige que a profundidade do solo será uma das principaes condições da prosperidade, da maior duração e do vigor do luzernal. Um prado de luzerna é o melhor, o mais economico, e o mais productivo de todos os prados. Vive de seis a quinze annos; produz quatro a oito cortes de uma forragem abundante e sempre nutritiva, quer se dê em verde, quer no secco. Para a mantença do gado no estabulo nada pôde egualar a excellencia de um bom luzernal que pôde começar a ceifar-se quinze dias antes do trevo, dando desde logo temporões e riquissimos productos. E' necessario porém grande cautela no administrar desta forragem aos gados. Só vinte e quatro horas depois de cortada, e quando já se achar um pouco murcha, deve ser deitada aos animaes; e mesmo neste caso deve dar-se em pequenas quantidades, e misturada com alguma graminea, com palha

ou com feno secco. De contrario pôde causar grande damno produzindo a meteorisação vulgarmente chamada *torcilhão*, que causa em breves horas a morte dos gados quando não é promptamente atalhada.

871.º Os cortes da luzerna devem fazer-se antes da sua plena florescencia; não só com o fim de obter um maior numero delles, mas mesmo para que os caules se não tornem demasiadamente lenhosos e duros. Quando se poder dar uma rega logo depois dos cortes do estio ou do outono teremos assegurado no nosso paiz abundantes e successivas colheitas. Logo que n'um luzernal começam a apparecer logares vazios é mister romper o campo, o que se faz ou por meio da enxada, ou da charrua de Dombasle. Ordinariamente esta operação executa-se antes do inverno. Nos campos novamente rotos pôdem então semear-se trigo, aveia, maiz com grande vantagem, porque a luzerna tem a propriedade de enriquecer prodigiosamente o solo, não só pelas muitas raizes de que o deixa juncado, e que decompondo-se se transformam em terriço; mas tambem porque é uma dessas plantas preciosas que dá á terra mais principios nutritivos do que lhe subtrahе.

872.º *Cultura do trevo (trifolium)*. O trevo vermelho ou dos prados (*trifolium pratense*, L.) a que tambem se dá o nome de *trevo grande de Hespanha* é de todas as especies indigenas do nosso paiz a mais geralmente cultivada, tanto entre nós como no resto da Europa.

873.º A introdução desta planta durante uma parte do ultimo seculo, produziu desde logo uma grande revolução nos methodos agricolas dos paizes do norte. Os elogios que *Schoubart*, seu principal introductor, lhe prodigalisara fizeram conceber esperanças muito exaggeradas que o tempo foi successivamente reduzindo ás suas justas proporções. Hoje já se não pensa que nos afolhamentos triennaes se possa cultivar o trevo durante um grande numero de rotações; nem se acredita que com elle se possa supprimir de todo o pousio ou prescindir inteiramente de outros prados naturaes ou artificiaes; mas ainda se crê que é uma planta preciosa para alternar com os cereaes e a mais propria para ser cultivada no anno ou annos de descanço das terras, e para produzir uma excellente e abundante forragem.

874.º O trevo ama as terras frescas e profundas, os solos argilosos ou argilo-siliciosos convenientemente corrigidos, e mesmo os terrenos arenosos uma vez que não sejam demasiadamente seccos e calidos.

875.º Esta planta semea-se quasi sempre ou com as aveias e cevadas da primavera, ou sobre as frigidadas e centeiras do outono. No primeiro caso devem lançar-se á terra os cereaes, e depois de cobertos com a grade é que convem semear o trevo para finalmente o enterrar com o dorso da mesma grade, ou com o rolo, mas muito superficialmente por causa da finura e pouca força germinativa do seu grão. No segundo de-

ve lançar-se a semente sobre as cearas em tempo humido e chuvoso sem mesmo curar de a cobrir.

876.º Um excellente meio de cultivar o trevo, assim como a luzerna é o de o semear com a aveia e cevada destinadas a serem ceifadas em verde. Seguindo-se este methodo obtem-se ordinariamente depois de um ou dois cortes destas gramineas, um bello corte de trevo nos fins do estio ou principios do outono. A boa semente desta planta deve apresentar uma côr amarella. A que se vende no commercio tem muitas vezes perdido a sua faculdade germinativa pela dessecção, sendo por isso conveniente ensaiar-a antes de a comprar em ponto grande.

877.º Como o trevo exige uma terra limpa e bem esmiuçada é vantajoso fazel-o succeder ás culturas sacchadas. O seu logar nas rotações regulares é logo depois do primeiro cereal que faz parte destas rotações, e não depois do segundo como muitos praticam. Depois do trevo pôdem cultivar-se com vantagem quasi todas as plantas porque elle deixa o solo muito melhorado e fertil.

878.º Os adubos que muito convem ao trevo são os estrumes vegeto-animaes, o marne, e a calça; mas é o gesso que se deve empregar de preferencia como o mais poderoso estimulante desta planta, e de quasi todas as leguminosas. Uma mistura de cal e cinzas é tambem um excellente correctivo.

879.º O trevo durante os dois annos que costuma ficar no solo produz dois a quatro cortes. Dá-se em feno e em verde, mas neste ultimo caso precisam-se adoptar as mesmas precauções que indicámos com respeito á luzerna. Quando o trevo é pastado pelos gados no proprio prado tambem se deve evitar que seja comido, quando está carregado de orvalho ou de humidade, porque então costuma produzir, como a luzerna a meteorisação.

880.º Além da especie de trevo, de que nos temos occupado, cultivam-se tambem, posto que menos geralmente, outras especies como são o trevo branco ou o pequeno trevo de Hollanda, (*trifolium repens* L.) que prospera nas terras inferiores onde o trevo vermelho não pôde vingar; o trevo encarnado ou do Rosilhão (*trifolium incarnatum*, L.) que se vai generalizando em França, e que se accomoda com terras magras e climas rudes. O trevo hybridado (*trifolium hybridum*, L.) cuja duração excede a de todos os mais trevos, tornando-se por isso muito recommendavel. Todas estas especies são muito proprias para melhorar os fenos dos prados naturaes onde se devem lançar frequentes vezes; por isso que com este simples processo sem se fazer mais despeza do que a do custo da semente, augmenta-se e bonifica-se consideravelmente a producção dos mesmos prados.

881.º *Cultura do samfeno ou esparceto.* O esparceto (*hydisarum onobrychis*, L.) é uma leguminosa pratense propria para os terrenos calcareos e pobres, que não são propieios nem ao trevo nem á luzerna. A

forragem que delle resulta é menos abundante que a destas ultimas plantas, mas é mais sadia e não tem o inconveniente de meteorisar os animaes.

882.º O solo que se destina a esta planta deve submitter-se á mesma preparação que o da luzerna.

883.º O esparceto semea-se com os cereaes de primavera e outono, bem como com as forragens verdes. Os ultimos quinze dias de março e a primeira metade do mez de abril são a melhor epoca da sua sementeira.

884.º Um prado de esparceto pôde durar em terreno apropriado de dez a quinze annos. Produz um bom côrte quando está em plena floração, e em annos favoraveis dois, sendo porém o segundo muito inferior ao primeiro.

885.º Tanto nestes prados como nos de luzerna e trevo deve sempre reservar-se um conveniente espaço para a producção da semente, a fim de ser recolhida e guardada em tempo oportuno.

886.º O esparceto é um grande presente da natureza feito ás terras calcareas e cretaceas de inferior qualidade, onde difficilmente crescerião outras forragens. Esta planta tem a vantagem de melhorar consideravelmente os terrenos, como se tem observado em alguns departamentos de França. Entretanto a cultura desta leguminosa não tem prosperado em muitos pontos do nosso paiz, e nós conhecemos alguns agricultores que foram mal succedidos nos seus ensaios, e que por fim resolveram abandona-la.

887.º Ha uma especie de esparceto conhecida pelo nome de *esparceto de Hespanha* ou *sulla*, que é muito cultivada neste paiz e em quasi toda a Italia, e que merece ser talvez introduzida na nossa pratica cultura. A sua cultivação é simples e pouco dispendiosa, e na Calabria, onde se alterna com os trigos, contentão-se com espalha-la entre os restolhos, a que lançam depois fogo sem mais algum outro amanho. A semente coberta pelas cinzas penetra pouco a pouco na terra e nasce em novembro quatro mezes depois de semeada.

888.º A *sulla* constitue um prado abundante e espesso em consequencia da multidão dos caules, das folhas e das flores que a planta produz. Nós temos frequentes vezes cultivado este prado em terrenos argilo-siliciosos e de regadio, e sempre obtivemos delle um riquissimo côrte.

Cultura do meliloto.

889.º O meliloto branco da Siberia (*melilotus alba*, Lam.) tem sido recommendado por alguns agnomos e particularmente por A. Thouin como uma excellente planta pratense. E na verdade os seus caules elevando-se a quasi dois metros de altura e revestindo-se de uma espessa folhagem e de numerosos cachos de flores formam um prado viçoso e luxurriante, que parece exceder em productos a todos os ou-

tros de que temos fallado. Mas apesar de todas estas apparentes vantagens e da de prosperar em terrenos cretaceos, aridos, e pobres, não se tem generalisado a sua cultura por se tornar muito promptamente lenhoso e ser regeitado neste estado pelos gados, que apenas lhe comecem as suas summidades. Entretanto quando se semente muito basto este inconveniente desaparece quasi inteiramente, principalmente se o ceifarmos logo ao comecar da floração.

Cultura das pratenses gramineas.

890.º A numerosa e interessante familia das gramineas, que fornece aos habitantes de uma parte do mundo o seu principal mantimento, ministra igualmente aos animaes herbivoros a sua mais geral nutrição e fórma uma das primeiras bases dos prados tanto naturaes como artificiaes.

891.º Não sendo possivel tratar aqui de todas as gramineas pratenses, sómente nos occuparemos das especies mais interessantes, quer pela abundancia e qualidade superior dos seus productos, quer pela sua rusticidade, e por essa propriedade preciosa para o agricultor de se accommodarem com terrenos ingratos e pobres, e com localidades pouco favorecidas.

892.º As principaes especies de gramineas, que se cultivão nos prados, são o *azevem*, a *herva de Guiné*, o *fromental*, a *festuca*, o *centeio*, a *cevada*, e o *milho*.

Cultura do azevem.

893.º O *azevem*, *raigras dos inglezes*, ou *herva de semente* (*Lotium perenne*, L.) cresce espontaneamente em quasi todos os paizes da Europa, e fórma o principal fundo da maior parte dos pastos naturaes. E' a planta empregada nos prados de relva que ornão os jardins inglezes, e que comecão a ornar os nossos.

894.º Na grande cultura os resultados que se obtem desta planta são muito variaveis em razão das differenças de clima, do solo e de outras circumstancias locaes; sendo esta a principal causa da diversidade de opiniões, que com respeito ao seu merecimento como planta forraginosa tem sido emitidas.

895.º Em geral pôde asseverar-se que a herva de semente, que tão ricos e tão perennes prados produz em Inglaterra, não apresenta eguaes vantagens nas nossas provincias do sul, principalmente não sendo cultivada em terrenos ou muito humidos ou de regadio. E na verdade quando se cultiva fóra destes terrenos os seus caules endurecem e secão, a ponto de serem recusados pelos gados e a sua forragem é muito pouco espessa e productiva. Entretanto nas nossas provincias do norte, assim como nas Beiras, dá-se muito melhor e é ahí cultivada desde tempos antigos nos prados artificiaes chamados *lameiros*.

896.º Ha porém uma outra especie de *azevem*,

que merece os elogios que lhe sido tem feitos, e que deve considerarse como uma rica aquisição feita pela *praticultura*. E' o *azevem* ou o *raigras de Italia* (*Lotium Italicum*) cultivado neste paiz e na Suissa com grande successo, propagada muito geralmente na França, e comecada a introduzir entre nós com muita fidelidade.

897.º Esta planta que uns consideram como uma variedade do *raigras dos inglezes*, e outros como uma nova especie (o que nos parece muito mais natural, attenta a disposição dos seus caules e a fórma das suas folhas) quer-se em terrenos humidos e muito melhor sendo de regadio. Pôde semente-se no outono ou na primavera, tendo-se dado ao terreno igual preparação á dos trigos e cevadas.

898.º A sua duração não excede ordinariamente dois annos, mas se o terreno e outras circumstancias a favorecem dura muito mais tempo. Costuma dar pelo menos tres córtes; mas em terras de regadio dá muitos mais, e no *Milanez*, onde se cultiva em ponto grande, chega a dar oito. A forragem é excellente, e não tem o perigo de produzir a *meteorisação*. Nós convidamos os nossos agricultores, que tiverem terrenos propicios a esta graminea, a que a ensaem, porque acreditamos que se hão-de dar muito bem.

Cultura da herva de Guiné.

899.º A herva de Guiné (*Panicum altissimum*) tendo adquirido na America uma grande e bem merecida reputação, depois que os inglezes alli a introduziram trazendo-a da Africa, foi ensaiada em varios pontos da França e noutros paizes do continente europeu com variado successo. Originaria dos paizes quentes esta planta dá-se melhor no sul do que no norte da Europa. Cresce com muita rapidez, e pôde dar dois e mais córtes annuaes; é no seu segundo anno que se apresenta com toda a sua força, e muitas vezes tão pomposa que chega a adquirir vara e meia de altura.

900.º Nos terrenos e paizes que lhe são propicios basta que se semente a primeira vez, porque por si mesma continua a propagar. A sua semente não é toda fecunda; e mesmo deixa inteiramente de ser quando não se cultiva n'uma favoravel exposição. Deve semente-se em linhas parallelas a distancia de dois palmos umas das outras, em terreno bem preparado e adubado. Pôde proceder-se a esta operação nas duas primaveras, mas a do outono é muito preferivel. Propaga-se tambem como quasi todas as plantas multicaules por touças, podendo cada pé subministrar um grande numero dellas. E' planta de grande rusticidade e resiste, segundo as nossas observações, aos maiores rigores do inverno do nosso paiz.

901.º Nós temos cultivado no jardim botânico d'Ajuda, cuja direcção nos foi confiada, esta graminea, e podemos asseverar aos nossos agricultores, que

ella prospera ordinariamente nos terrenos humidos, e nas exposições meridionaes.

902.º Produz uma boa e abundante forragem que o gado come com avidéz, uma vez que seja cortada bem no verde e logo ao despoitar da floração: tem porém o inconveniente de não poder utilizar-se o seu feno, porque os seus caules endurecem e secão-se consideravelmente, de maneira que neste estado são regeitados pelo gado.

Cultura do fromental.

903.º O fromental (*avena elatior*, L.) a que alguns dão, com impropriedade, o nome de *Raigras de França*, é uma graminea vivaz, que se eleva a mais de um metro de altura, e que apresenta caules guarnecidos de largas folhas e uma longa panicula com espiguetas de duas flores.

904.º Apraz-se nos terrenos elevados e pouco humidos; teme mais a excessiva humidade do que a secura, tornando-se muito apropriada para os prados das terras altas e medias do nosso paiz. Semea-se nas epochas e pelo modo porque se semeia a aveia.

905.º Esta graminea, quando o terreno lhe é propicio, dá productos de uma notavel abundancia. O seu feno posto que de boa qualidade é um pouco tenaz e fibroso; seca-se muito promptamente sobre a planta, o que deve induzir-nos a ceifar cedo, a semear basto, e a associa-la com algumas leguminosas, como o esparelho, o trigo, &c. Adoptada que seja esta pratica o fromental forma prados proprios para serem ceifados, muito preferiveis por certo aos de quasi todas as especies da sua familia.

Cultura da festuca.

906.º Cultivão-se tres especies de *festucas*: e são a *festuca dos prados* (*festuca pratensis*, L.) a *festuca gigante* (*festuca elatior*) e a *festuca das ovelhas* (*festuca ovina*, L.). A primeira destas especies recomenda-se pela abundancia e excellente qualidade dos seus productos. É uma planta vivaz e indigena do nosso Portugal, muito propria para ser semeada nos prados baixos e humidos, onde vem um pouco tardia.

907.º A segunda tem muitas semelhanças com a precedente com quem tem sido confundida por muitos botanicos, alguns dos quaes a tem reputado como uma variedade — é tambem vivaz, mas as suas folhas são mais largas e mais numerosas, as suas paniculas mais amplas, e os seus caules mais elevados; é mais tardia, mais abundante e mais duravel. A sua forragem posto que um pouco dura é todavia de excellente qualidade.

908.º A terceira ou a *festuca ovina* tem as vantagens de se estabelecer natural e vigorosamente nas terras aridas, quer sejam siliciosas, quer calcarias, de ministrar um pasto muito agradável ás ovelhas, e um

bom alimento durante o inverno — qualidades que a tornam na verdade muito recommendavel.

909.º A epoca da sementeira das *festucas* é nos principios do outono, e a preparação do terreno em que pretendemos semea-las é a mesma que para a maior parte dos cereaes. Todas estas tres especies de gramineas podem ser utilizadas em melhorar os prados naturaes, onde crescem espontaneamente.

910.º A cultura do centeio como forragem é importantissima, principalmente no nosso paiz; não só porque esta planta vem no começo do inverno, quando são muito raras outras forragens verdes, mas mesmo porque a sua produção é muito interessante e faz com que uma transição opportuna do nutrimento seco para o verde, concorrendo muito para o bem estar e para o vigor dos animaes a quem se administra.

911.º O centeio para forragem semea-se no outono um pouco antes do centeio para grão, e emprega-se um terço mais de semente do que quando se destina para este ultimo fim. Misturado e semeado com a ervilhaca de inverno augmenta e melhora consideravelmente o seu producto. Uma das vantagens desta cultura é deixar a terra desembaraçada para uma nova sementeira de primavera, como as batatas, a betarraba, &c.

912.º O centeio multicaule torna-se muito recommendavel, porque sendo semeado no mez de agosto pôde dar ainda um corte no outono, e deixar a terra livre para outra cultura. Esta planta é preciosa para os terrenos montanhosos e pôde cultivar-se no meio das matas se não forem muito espessas: merecendo por isso ser ensaiada nas nossas herdades do Alem-tejo.

913.º A cultura da cevada como forragem apenas differe da que convem a este cereal para grão, na epoca da sementeira e na quantidade da semente, que deve ser um pouco mais abundante. Esta graminea offerece um recurso precioso para o nutrimento dos animaes herbivoros no começo da primavera, servindo-lhes não só de um alimento agradável e sadio, mas ainda de um depurante, que umas vezes previne e outras cura muitas molestias.

914.º Deve ceifar-se cedo para que o terreno possa ser utilizado em outras culturas, e principalmente na das batatas, que prosperam muito bem depois desta colmifera.

915.º A cevada nampto, oriunda da Asia, e importada ha pouco tempo na Europa, excede todas as demais especies conhecidas não só pela natureza e quantidade do seu grão, como por sua rica e copiosa forragem; o que nos induz a recommenda-la aos nossos agricultores. Semea-se nos meados de março, e amadurece ao cabo de dez ou onze semanas. Havendo meios de adubar os terrenos podem-se repetir as sementeiras no mesmo campo segunda e terceira vez; visto que para ser cortada em verde basta que decorram 35 a 40 dias pouco mais ou menos.

915.º A cultura do milho grosso como forragem

não demanda tanto esmero como a cultura desta planta quando nos propomos utilisar-lhe o grão. O terreno deve submeter-se á mesma preparação; mas os amanhos de entretenimento esses são escusados. A sementeira pôde fazer-se a lanço, posto que os cultivadores mais cuidadosos a façam a rego. Precisa-se empregar quasi o dobro da semente que empregamos quando queremos obter espigas. Convem que os terrenos se semeem por pequenas divisões de 15 em 15 dias, desde Março até Junho, preparando deste modo durante tres a quatro mezes uma ampla colheita de uma das melhores forragens verdes conhecidas que pôdem offerecer-se ás vaccas de leite, aos bois de trabalho e a todos os animaes herbivoros que a devoram com insaciavel avidez, porque além de os nutrir e regalar com o seu sabor assucarado, refresca-os e mantem-os ageis e alegres durante os calores do estio. E' preciso porém não lhe dar á discripção um tão sabroso alimento para evitar os accidentes funestos que costumam sobrevir, principalmente quando se dá viscoso e humido. Os prados de milho quando regados pôdem produzir dois ou tres cortes, sem que por isso a terra seja grandemente depauperada, porque está demonstrado que toda a planta cuja vegetação é rapida e que se corta antes da floração não esterelisa os terrenos.

916.º Alguns cultivadores expõem a uma especie de maceração o folhado lançando-lhe agoa quente, umas vezes pura, outras vezes salgada. Este expediente além de melhorar as qualidades nutritivas desta forragem secca, torna-a mais agradável ao gado, e de muito mais facil commutação.

917.º Os prados de milho sorgo são muito productivos nos terrenos de fundo que gozam de bastante humidade. São muito communs nas nossas ilhas da Madeira e dos Açores, e merecem generalisar-se no continente do reino. Esgotam porém o terreno consideravelmente quando se deixam florecer, e carecem de ultteriores adubos para serem submittidos a novas culturas.

Cultura das plantas pratenses e forraginosas de familias diversas.

918.º Nesta divisão entram um grande numero de plantas; nós só nos occuparemos das principaes, e dessas mesmas fallaremos muito succiatamente.

919.º A *esparguta* (*spargula arvensis*) da familia das *caryophylladas* produz uma forragem muito apete-cida das vaccas, e que lhe faz crear muito leite. Dá-se nos terrenos *sablo-argilosos* substanciaes e frescos. Desenvolve-se com grande rapidez, de maneira que oito semanas depois de semeada já está susceptivel de se cortar. Em terrenos propicios chega a produzir dois cortes. Semea-se sobre os restolhos no principio de Setembro e demanda pouca cultura.

920.º A *couve cavalleiro* (de genero das *brassias*

e da familia das *cruciferas*) merece ser cultivada como planta forraginosa por causa da elevação dos seus caules, da amplidão, das suas folhas, e da grande facilidade com que estes orgãos rebentam e se multiplicam. Esta planta subministra um bom nutrimento ao gado durante o inverno. Cultiva-se em quasi todas as nossas provincias, e particularmente nas do norte, onde serve de alimento a populações inteiras.

921.º A *pimpinella* (*poterium sanguisorba*, L.) da familia das *rozaceas* tem o grande merecimento de fornecer excellentes pastagens nas terras arenosas, calcareas e pobres, de resistir aos extremos de seccura e frio, e de fornecer um recurso muito precioso no inverno para a mantença dos rebanhos, principalmente de ovelhas. A epoca ordinaria da sua sementeira é em Setembro ou Março. Pôde empregar-se com vantagem no melhoramento dos prados naturais.

922.º O *trigo sarraceno* (*polygonum sagopyrum*, L.) pôde ser cultivado com tres fins, a saber; para ser enterrado com o estrume verde, logo que a flor des-ponta — para recolher o seu grão que é diversamente utilisado, já no sustento das aves, já no do proprio homem nos paizes menos favorecidos da providencia — e para forragem verde no verão; forragem que é muito apete-cida das vaccas, e que produz muita copia de bom leite. A epoca da sua sementeira é no mez de Maio — e no de Junho já se pôde recolher; tanta é a rapidez do seu desenvolvimento! Quer terrenos arenosos, e uma preparação ligeira e superficial. Ha uma outra especie de trigo sarraceno conhecido pelo nome systematico de *polygonum tartaricum*, que para forragem é preferivel á primeira.

923.º Além destas plantas existem muitas outras, que constituem excellentes forragens, mas que tendo outros usos economicos devem ser tratadas em outro logar, como são a betarraba, o nabo, a cinoura, &c.

924.º Os *pastos arboreos* merecem muita consideração no nosso paiz, e com muita razão os recommenda o nosso celebre naturalista *José Bonifacio de Andrade* na sua erudita memoria sobre a *necessidade do plantio de novos bosques em Portugal*. As arvores e arbustos mais interessantes debaixo deste ponto de vista são o *ulmeiro* (*ulmus campestris*, L.) o *freixo* (*fraxinus excelsior*, L.) a *acacia bastarda* (*robinia pseudo-acacia*, Willd.) o *sovereiro* (*quercus suber*, L.) a *videira* (*vitis vinifera*, L.) A *luzerna arborea* (*medicago arborea*, L.) &c. Os limites, que circunscrevem o nosso trabalho não nos permitem tratar da cultura destas plantas debaixo do ponto de vista indicado.

José Maria Grande.

(*Continua.*)

AS FLORES.

Nesta terra de Portugal a que já um poeta chamou *mimosa flor do mundo*, terra creada de flores e para

flores, a horticultura anda desprezada e esquecida como tudo o mais. Os jardins reduzem-se a quatro ou cinco vasos com cravos e rosas, já desterrados das varandas pela camara municipal, a uns poucos de quintaes de couves e alface, e á soberba Praça da Figueira, recreio e enleio do burguez matinal. O Passeio Publico é uma enfiada de arvores carcomidas e tristes, que nem já sombra dão: o de S. Pedro d'Alcantara limita-se em meia duzia de canteiros, onde as pobres florinhas disputam a propriedade territorial, a renques de pedra tosca, que os nossos amadores condecoram soberbamente com o titulo de estatuas. Não ha onde alegrar a vista — pois deviam saber que as flores não foram creadas para outra cousa.

Vem-nos á mente uma reflexão. — De tantos poetas que por ahi cantam vespersas e alvoradas, auroras e crepusculos, desertos e Houris, nem um, nem um apenas solta uma nota melodiosa em honra das flores — se alguma vez entram no reino vegetal, são tudo folhas seccas, troncos carcomidos, rosas fanadas, lyrios pendidos sobre crateras de vulcões que nunca viram, cyprestes do sepulchro, &c., &c. Toda a gente suppõem que é mania da epoca — delirio de romanticismo, extravagancia Apollinea — pois não é tal: os pobres dos vates nunca viram uma flor, e ahi está porque as não sabem cantar.

Este facto é indicativo, como dizia um collega da imprensa, da nossa civilisação horticola.

E para que são necessarios os jardins, se ha tão bonitas flores artificiaes? — Lá isso é verdade, nada de jardins — os navios francezes fornecem-nos em mais de um ramo industrial — porque nos não fornecerão também no ramo das flores?..

A pergunta foi discreta, e já a ouvimos a uma senhora que ahi passa na sociedade de Lisboa por elegante e espirituosa. Deus nos livre de lhe contestarmos dotes tão valiosos; mas sempre nos permittirá que nos queixemos de havermos nascido n'uma terra, onde as senhoras nem ao menos são doidas... pelas flores.

Que dirão ellas, se lhes dissermos que em Pariz, só em Pariz, o mercado das flores monta a tres milhões de francos. E não fallece uma (flor se entende) que não tenha pensado no seio d'uma bella, que lhe não tenha embevecido os sentidos, adornado os fios dourados dos cabellos, ataviado os vestidos de setim. Morrem pelas flores, morrem abraçadas com ellas; nem que tivessem o presentimento da propria metempsychose. As lisbonenses provavelmente só concebem a do repolho.

Que me dirão se lhes eu contar que na extrema Russia, com um céu ingrato, sem sol, quasi sem luz, n'uma terra cuberta de gello, n'um paiz de barbaros, que comem cebo por deleite, quando não é por necessidade, o Autocrata actual, faz todos os annos transportar das suas estufas, creadas e conservadas a pezo de rublos, para os seus dourados salões milhões de

bellas e raras flores, entre as quaes já por vezes os amadores teem admirado algumas especies dos tropicos!...

De manhã assusta a republica franceza — á noite delira com o aroma das flores, artisticamente collocadas nas suas porcellanas de Sevres e da China.

Quem nos dera ser autocrata! não para assustar nenhuma republica, nem mesmo a de S. Marino, d'onde temos a honra de ser cidadão patricio; mas só, mas unicamente para termos muitas flores, muitas estufas, e muitas porcellanas. Como todas as senhoras me haviam de amar... as minhas flores; porque também, hemos de confessal-o, ainda que nos custe, é só para ellas que nós haviamos de as fazer crear.

Que os homens, esses pódem muito bem passar sem flores. — Teem a politica para se entreterem, a litteratura para se divertirem, a vadiagem para se aborrecerem — escusam de flores... Os politicos teem as cortes e as revoluções, de Setembro, ou de Junho, ou de Maio, pouco importa o mez: — os litteratos as duras lices do Pharol e do Barão; os vadios o *Marrare*, *S. Carlos*, e o *Passeio Publico*. Escusam de flores. Por isso nada nos incommoda tanto, como um ramilhete pregado no peito de um janota. São cousas que brigam, não pódem andar associadas. As flores entendam-no bem, não abrem para os janotas. Apenas perdoamos, a algum, que lembrado dos versos do Tolentino,

Ramo de flores no peito,
Prenda de certa senhora.

quer inculcar a toda a gente, como lhe é applicavel a satyra do grande poeta. Perdoamos-lhe por com paixão.

O janota é essencialmente papalvo.

Fazemos esta declaração conscienciosa para as pessoas da provincia, que teem a fortuna de lhe ignorar o significado.

Porque lá fóra o elegante, o leão, é outra cousa — ama as flores, gosta dellas; delira, endoidece, bate-se e morre por offerecer á dama dos seus pensamentos o mais custoso ramilhete, que se encontrar no *Caes das Flores*. Chega até, quem tal crerá, a supportar dois annos de cadeia, alcançado em grossas quantias que deve ás ramalleteiras.

Como nas nossas provincias, e sobre tudo nas do norte, ainda ha alguem que estima as flores, para esse amavel desconhecido com quem já sympathisamos, daremos aqui as seguintes noticias.

John Spencer dirigio ao Dr. Lindley, o famoso botânico, uma caixa de flores, que fóra impossivel imaginar mais bellas, em 19 de dezembro passado. John Spencer, para obter tão formosa producção, sobre tudo das plantas dos tropicos, e geralmente d'aquellas que exigem alta temperatura, submette a terra em que as cultiva, durante o inverno, a um calor de 5 a 10 gráus.

O effeito desta infima temperatura é não sómente de suspender o desenvolvimento destas plantas, mas, para muitas, de lhe occasionar a queda das folhas, como acontece ás arvores dos nossos climas septentrionaes. Muitos jardineiros cuidariam perdidas as suas plantas, expondo-as assim; enganam-se todavia; porque adquirem por isso mesmo uma vitalidade, um poder de vegetação extraordinarias, quando volta a bella estação. Este resultado não deve admirar se reflectirmos, que expondo as plantas ao repouso hiberna, que lhes é necessario, aproximamo-las artificialmente do seu clima natal. Em consequencia seguindo este methodo, obtem-se melhor produção, e grande economia.

Todos sabem como se propagam as rosas: o enxerto é o methodo mais commum. N'um jornal d'agricultura francez encontrámos a seguinte maneira de praticar a enxertia, que já temos presenciado em Portugal, mas que reproduzimos pelo assentimento geral, que parece merecer de todos os jardineiros estranhos. Toma-se um ramo que apresente dois olhos ou botões, um na base, outro na parte superior: talla-se angularmente toda a metade inferior d'elle, deixando o resto intacto, e depois insere-se a parte desnudada n'uma fenda proporcional praticada no individuo em que se deseja enxertar, tendo o cuidado de levantar a casca de um e outro lado da fenda, para depois aproximar os dois fragmentos, e segurar tudo com muitas voltas de fio de lã, como se faz no enxerto de borbulha. A vantagem deste methodo dizem os horticultores que consiste no desenvolvimento constante de um botão, quando falhe o outro. Serve não só para os enxertos ao ar livre, mas tambem para os casos em que se forcem as roseiras artificialmente a darem flores extemporaneas.

X.

RELATORIO APRESENTADO Á LIGA ÁCERCA DO
PROJECTO DE BANCOS-RURAES.

Damos hoje publicidade ao relatorio que na ultima sessão da Liga foi lido pelo relator da commissão, encarregado de dar o seu parecer ácerca do projecto de lei para a instituição de bancos ruraes confeccionado pelo Sr. Sá Nogueira. Este relatorio é digno de ser estudado não só pelo objecto de que se trata, mas pelo modo porque considera a questão importante do credito.

No numero immediato faremos algumas reflexões sobre o objecto.

«Senhores — A commissão encarregada, pela mesa provisoria da liga dos interesses economicos da nação portugueza, de dar o seu parecer sobre o projecto de — banco rural de todo o reino, com a sua séde nesta cidade de Lisboa — que foi apresentado á associa-

ção pelo seu digno socio, o Sr. Ayres de Sá Nogueira, examinou, e discutiu este projecto, com todo o esmero e circunspecção, que merece o seu grave e transcendente assumpto; comparou-o, nos seus principios fundamentaes, com a substituição, que lhe fez o Sr. Claudio Adriano da Costa, no erudito projecto de parecer, offerecido por este cavalheiro á commissão, na qualidade de seu relator, que foi impresso com o substituido, para vosso conhecimento e do publico; e vem hoje a esta assemblea dar-vos conta do difficiloso encargo que lhe foi confiado.

A vossa commissão, senhores, identificada com o patriotico pensamento, que inspirou o projecto do Sr. Sá Nogueira, reconheceu com o seu illustre auctor, que a fundação do credito territorial e agricola será o meio mais seguro de favorecer o progresso, e aperfeiçoamento da cultura dos nossos campos; mas reconhece tambem, conforme, nesta parte, com a doutrina que transluz na substituição do Sr. Claudio Adriano, que as industrias fabril e commercial tem, não menos que a agricultura, necessidade do auxilio do credito, para o seu desenvolvimento e prosperidade.

Estes tres generos d'industria conspiram, convergem e operam, como causas e effeitos, cada um sobre cada outro; vivem unidos como ramos do tronco da mesma arvore; e, mais estreitamente unidos, pelos fructos que todos elles são destinados a produzir — a riqueza, a força, e a prosperidade das nações. O credito é o meio mais apropriado para fazer crescer, florecer, e fructificar a grande arvore da industria do paiz. A liberdade do credito e o seu geral exercicio, regulada por lei capaz de prevenir o abuso desta preciosa faculdade, é o fomento mais activo, e mais fecundo, que se póde dar á industria portugueza: sem elle, todos os outros auxilios, de que carece, serão sempre difficeis, tardios e mesquinhos.

Mas, senhores, no estado actual da sciencia, fallar em credito é fallar em banco; e fallar em banco é fallar na faculdade d'emittir papel de circulação, pago ao portador, e á vista.

«O banco (diz um sabio economista dos nossos dias) é o ultimo termo das instituições, que marcam os progressos da industria, na ordem moral.» Para comprehender as grandes vantagens do banco, na economia social, bastará reflectir que, por este meio, se póde retirar da circulação, convertendo-a em capital productivo, mais d'ametade da moeda metalica, empregada nas transacções industriaes; que, por elle, os agentes da industria fabril e commerciante podem chegar a fazer, no espaço d'um anno, dez vezes mais operações, e, por consequente, dez vezes mais lucros, do que fariam, sem o seu auxilio, no mesmo espaço de tempo, e com o mesmo capital; que por elle, em fim, os capitalistas associados podem, sem diminuição comparativa d'interesses, reduzir de dois terços a taxa do aluguel dos capitaes, ordinariamente exigido pelos banqueiros singulares.

É pois mister que a posição do solo portuguez seja, como effectivamente é, geograficamente tão vantajosa para o commercio de cabotagem, e estrangeiro; tão fértil, e tão susceptível de variadas e uteis producções; tão benigno o céu que o cobre; e tão inventivo e laborioso o genio dos seus habitantes para que a industria portugueza, destituída, quasi inteiramente, do prodigioso motor do credito, podesse, em todos os seus ramos, elevar-se ao estado em que hoje se observa, se não tão prospero como pudera e devêra ser, ao menos sufficiente, para alimentar as nossas esperanças no seu progresso futuro, e para satisfazer, desde já, ás primeiras necessidades da existencia de mais de tres milhões e meio d'individuos humanos. Mas impossivel será sempre que, apesar de todas as suas excellencias naturaes, sobre tantas outras, menos favorecidas da providencia, porém muito mais adiantadas, em todos os meios artificiaes da producção, a nossa industria possa concorrer, no mercado geral das nações, com a industria estrangeira, em quanto esta costear as suas operações com capitaes a juro de 3 a 5 por cento, ao anno, ao mesmo passo que nossos industriaes os não podem obter, ainda que queiram pagar o seu aluguel por uma taxa triplicada!

A commissão entende, por tanto, que conviria restringir, por uma parte, e, por outra, ampliar o projecto do Sr. Sá Nogueira; eleva-o á altura da commissão da liga dos interesses (de todos) economicos da nação portugueza; e imprimir-lhe o character, que lhe dá o Sr. Claudio Adriano, no seu projecto de parecer; — mas d'acordo com os dois cavalheiros:

Considerando que só ás companhias de empreheadores, que quizerem associar-se para fundarem instituições do banco, pôde naturalmente pertencer a confecção dos seus estatutos, conformes á especialidade; e ás cortes geraes da nação a confecção da lei geral das bases, a que deverão cingir-se os mesmos estatutos, para merecerem a sua confirmação do poder politico, a quem for attribuida por essa lei:

Considerando que o estabelecimento d'instituições de banco, com faculdade d'emittir papel de credito, está vedado a todos os portuguezes do continente do reino, afóra os accionistas do banco de Portugal, a quem o artigo 40 do decreto de 19 de Novembro de 1846 concede exclusivamente este exorbitante privilegio, com a excepção consignada no seu § unico:

Considerando que um grande banco privilegiado, unico nacional, além dos seus gravissimos inconvenientes politicos, no governo monarchico representativo, é improprio para acudir ás necessidades da industria, em todas as partes do territorio; attaca um dos direitos mais preciosos, e mais incontestaveis, do homem em sociedade, o seu credito, sua propriedade, e sua maior honra, que a lei civil pôde, e deve regular, mas jámais prohibir, sem manifesta injustiça; — e que uma tal prohibição é directamente op-

posta á disposição contida no § 23 do artigo 145 da carta constitucional da monarchia:

Considerando que o accusado monopolio não tem até ao presente aproveitado, nem poderá jámais aproveitar ao banco de Portugal, a quem foi concedido; e que este estabelecimento deverá colher consideraveis lucros das relações livres, que contrahir com outros institutos da mesma natureza que houverem de crear-se nas provincias do reino, do modo porque o faz o grande banco de Londres:

Considerando que o citado decreto de 19 de Novembro de 1846, promulgado em *circumstancias excepcionaes*, foi apenas sancionado provisoriamente, e está para ser reconsiderado, pelas cortes, na sua presente sessão ordinaria:

Considerando, em fim, que o direito de representação, e supplica, aos poderes politicos do estado, é concedido illimitadamente a todos os cidadãos portuguezes, pelo § 28 do artigo 145 da lei fundamental:

Parece á commissão que a assembléa da liga dará um grande passo na sua carreira *promotora dos interesses economicos do paiz*, dirigindo, como ella tem a honra de lhe propôr que dirija, ás camaras legislativas, ora em sessão ordinaria, uma respeitosa representação, apoiada nos fundamentos, que ficam expendidos, e nos mais que a sua sabedoria lhe suggerir, pedindo, em virtude delles, aos dignos pares do reino, e aos Srs. deputados da nação portugueza, que, na revisão, a que vão proceder, do decreto de 19 de Novembro de 1846, se sirvam de derogar, em parte, o artigo 10.º deste diploma, limitando ao districto de Lisboa o privilegio que elle concede ao banco de Portugal, de emittir exclusivamente, no continente do reino, notas ou obrigações, pagaveis á vista ao portador; — e de decretarem depois a lei geral das bases, a que deverão cingir-se as companhias de proprietarios, industriaes ou capitalistas, que intentarem fundar, nos demais districtos do reino, instituições de bancos, quer sejam ruraes, commerciaes, ou mixtos, com faculdade de emissão de papel de credito, tambem exclusiva, no territorio das suas operações; supplicando-os igualmente para que na indicada lei se incluam clausulas bastantemente providentes, com sancção politica rigorosa e efficaz, para assegurarem — a fidelidade, discripção e responsabilidade das direcções — a vigilancia e fiscalisação, por parte do governo, de todos os seus actos — e a publicidade mensal, por meio da imprensa, de todos elles, bem definidos e classificados — condição não pouco efficaz para prevenir os abusos, que, com o lapso do tempo, costumam introduzir-se nas gerencias de taes estabelecimentos, e contra os quaes a legislação nunca poderá ser demasiadamente cautelosa e severa.

Senhores: a vossa commissão não pôde lisongear-se de ter acertado no parecer, que vos expõe, sobre uma questão tão complexa e delicada! Mas pôde certificar-vos que a examinou, sem seducção alguma d'inter-

se especial contra o interesse publico do paiz; e honrar-se-ha em todo o tempo, qualquer que seja a vossa decisão, de vos ter proposto, como primeira legenda da bandeira da nossa liga — a liberdade do banco — mas subentendendo-se sempre que elle só a deseja, e a pede, regulada por lei previdente e justa, que possa preservar da sua pessima corrupção esta optima faculdade. — Sala das sessões da liga, 25 de Fevereiro de 1849. — José Ignacio Pereira Derramado. — Jacintho Dias Damasio. — Ayres de Sá Nogueira. — J. M. Grande. — Joaquim Serino Maciel. — Claudio Adriano da Costa. — Caetano Xavier Pereira Brandão. — Visconde de Azurara. — Antonio Joaquim de Figueiredo. — Paulo Midosi. — Francisco de Assis de Carvalho. — Barão d'Almeirim. — José Silvestre Ribeiro, com declaração. — Francisco Xavier de Seixas Lemos Lacerda Castello Branco. — Manoel Antonio Ferreira Tavares. — Albano Affonso d'Almeida Coutinho, com declaração. »

No dia 25 de Fevereiro falleceu repentinamente, na sessão da Liga, depois de um curto discurso, o Sr. Luiz Antonio Rebello da Silva. Este illustre e antigo magistrado, tinha prestado valiosos serviços á patria, não só como homem de sciencia e erudito, que era, mas como membro do corpo legislativo. A posição distincta que occupou como orador nas côrtes constituintes de 1820, e em muitas das legislaturas posteriores, faz com que o seu nome occupe um dos mais eminentes logares na historia constitucional do nosso paiz.

O seu espirito patriótico não se desmentiu até ao ultimo instante da vida. As palavras que pronuciou antes de espirar foram em favor dos interesses e prosperidade de Portugal; morreu encetando uma lucta nova contra abusos, que ameaçavam a felicidade publica. — O seu passamento no meio de uma assemblea numerosa, entre amigos que o respeitavam, depois de um discurso profundamente sentido, produziu uma dolorosa impressão, não só nos que tiveram o desgosto de presenciar tão deploravel scena, mas em todas as pessoas que tinham tido com o Sr. Rebello da Silva relações particulares.

O nome do illustre finado não é só digno de ficar na memoria dos seus compatriotas, pelos serviços sociaes que prestou esse homem, sempre fiel á causa da liberdade, e cheio de zelo e dedicação pela causa publica. O Sr. Rebello reunia ás suas virtudes civicas, as virtudes modestas, mas nobres de homem chefe de familia.

CHRONICA.

Passaram o entrudo e os bailes. Acreditamos que todos se divertiram muito: mas nós devemos confes-

sar ingenuamente — não tivemos nunca dias mais aborrecidos do que aquelles dias do entrudo. Foi um *spleen* fulminante que nos entrou no corpo. — As assoadas dos rapazes; os guinchos desconcertados da democracia burlesca da nossa terra; essa incommoda chuva de tremoços com que das janellas se mimoseava o infeliz viandante; esses combates estupidos de ovo e laranja com que os *janotas* semsabores e pobertões divertiam a sua constante vadiagem; tudo isso nos causou um tedio tão grande, que se nos figurou, que um genio máu nos tinha transportado ás barbaras epochas, em que os nossos maiores, — prevendo jejuns d'uma quaresma severa, — se entregavam a folias brutaes e desordenadas, que são o prazer dos povos ignorantes.

Mas o entrudo já lá vai, os bailes passaram, e os jejuns não começaram ainda. — Enganamo-nos: ha jejuns, ha um jejum perpetuo nesta terra.

A nação inteira jejua; jejua d'alma e do corpo. O rico e o pobre, o nobre e o plebeo, o sabio e o ignorante, o que trabalha e o que vive na indolencia, todos se revolvem n'uma quaresma forçada. E se não dizei-me: quem está feliz, quem se sente ditoso nesta terra? — Quem não tem algum desejo simples, pouco ambicioso, vulgar, que, neste paiz sem civilização, não pôde ser satisfeito?

Suppondo que um homem rico, riquissimo, deseja ir gozar do clima perfumado do Algarve, viajando na sua carruagem de posta; poderá elle satisfazer este simbles desejo? Não; o rico jejuará no seu desejo, porque nesta terra uma carruagem não acha estrada por onde caminhe. — Suppondo que esse mesmo homem, depois de se lhe quebrar a carruagem na primeira legua de caminho, volta á capital depois da meia noute, entra em sua casa, onde deixou um criado que o não esperava já, e, devorado pela fome, deseja uma ceia esplendida, que dizemos? uma collação frugal; achará elle a essa hora um *hotel*, uma casa de pasto, uma taberna que lhe forneça o alimento de que necessita? Não; o rico jejuará. — Suppondo que esse homem rico, chegado ha pouco do Brazil, por exemplo, deseja comprar um palacio, uma mobilia fastuosa, uma galeria de quadros, uma bibliotheca completa, carruagens elegantes, cavallos de *sangue puro*; que deseja ter creados que sejam *bem creados*, e uma sociedade espirituosa, *fashionable*, digna em fim das salas que elle concebeu na sua imaginação; achará elle tudo isto? Não; porque nesta terra só nos folhetins se encontram: os palacios, as mobílias fastuosas degeneram na dura palhinha e no damasco de algodão; os quadros são todos *eroutes* repugnantes de aprendizes sem vocação; livros, não temos nossos, e os estranhos chegam-nos tres annos depois de publicados; corruagens!... ainda ninguem as imaginou; em quanto a criados, achamo-nos ainda com o boçal e çujo gallego; os cavallos nem se criam, nem se educam; a sociedade, essa cria-se, mas por mais que faça a civilização nunca chega a educar-se.

Emigrar, emigrar! Que em terra onde se jejue tanto, e de tudo, e sempre, não pôde viver ninguém. Não pôde viver?! — Nem morrer se pôde nesta terra.

Se a vida nos pesa, se a alma não tem nem força para desejar, o espirito quebrado, abatido por este moer continuo da samsaboria não concebe, não pensa, não imagina, e as paixões se extinguem por falta de alimento; se a fé acaba, porque não ha em que a ter; se em fim mortos já moralmente, desejamos pôr termo por uma vez a este aborrecimento que doe; não o podemos; não se pôde morrer porque não ha aqui quem ao menos alivie da vida um homem enfasiado. Em Portugal decididamente os duelos não matam.

Mas vamos aos bailes: a *Epoca* tambem deve fallar nos bailes, e vae occupar-se agora delles.

Os bailes . . . — Não houve bailes. Reuniu-se gente para fazer bailes, mas não os fez. Os folhetinistas credulos contaram-nos muitas cousas a respeito dessas reuniões que para ahi se juntaram, fallaram-nos em flores, em harmonias, em diamantes, em mulheres formosas. . . . Tudo isso são mentiras; e elles bem o sabiam.

Perguntem ao folhetinista do *Estandarte* se elle não é da nossa opinião. E', com toda a certeza que é. — O folhetinista do *Estandarte* está em tudo de acordo com nosco, excepto no que pensa a respeito d'ELLA. — ELLA tambem não existe; ELLA é o mytho dos bailes que não existiram. Quando ha poucos dias bebemos á saudé d'ELLA, sabiamos a quem aquella saude era consagrada; ou antes, sabiamos que não era consagrada a ninguem.

Temos por costume não fazer, não desejar saudes a ninguem; e daquella vez não deixámos pinga no copo.

E' porque ELLA não existia.

Não ha remedio senão fazer *chronica*: vamos a ella que se faz tarde. — Dizemos que se faz tarde porque é meia noite e sete minutos, e estamos ameaçados de ficar só.

— Um conselho.

— Então que é?

— Para fazer a *chronica* da semana, o melhor é leres os jornaes que ahi tens.

— Olha, temos o *Farol*, que é sempre espirituoso, quando não deixa de o ser; a *Revista* que já se esqueceu que tinha espirito; *Fr. Gerundio* . . .

— Esse cóme.

— Mas tambem tem pretensões a espirito. A *Revolação*, que se estafa para nos dar uma amostra delle. O *Estandarte*, que poz quanto chiste, quanta graça tinha aos pés da sua deusa imaginaria, e não guardou nenhuma para os leitores: em fim, o *Gratis*, o *Baratissimo*, o *Salustio do Jardim das Damas*, e o *Esculapio*.

— Que horror!

— Lê; procura. As noticias ahi estão.

Lêmos, lêmos; era meia noite e meia hora, e ainda estavamos a lêr.

— Então nada?

— Nada, nada!

— Pois nesse caso, boas noites.

E foi-se o amigo que me fazia companhia.

Meia hora depois havia um quarto de hora que dormiamos.

Pelo Barão de Alfenim

O Secretario.

UM LIVRO DE SCIENCIA.

Todas as classes padecem em Portugal, a prostração é geral. E assim devia acontecer necessariamente n'um paiz em que a vida industrial deve só a esforços particulares a sua fraca existencia, onde a má organização administrativa e as circumstancias geraes, a falta de vias de communicação, a má organização, ou antes a nenhuma organização do credito, e as leis commerciaes, tudo contraria perpetuamente e comprime com violencia as aspirações individuaes para o progresso. Classe alguma porém é sacrificada mais cruelmente nesta terra, do que a classe dos homens que se dedicam a trabalhos scientificos e litterarios: e a razão disto é clara tambem. — A instrucção publica não existe; a ignorancia é geral, porque é premiada, ou pelo menos não impede a ninguem o caminhar nas carreiras publicas. Os estabelecimentos de instrucção não encontram na opinião geral a consideração de que são dignos; não teem a importancia que de direito lhes pertence como órgãos naturaes do progresso, como agentes de civilisação.

O que lá fóra é uma gloria, é aqui um sacrificio inutil, que passa desapercibido. Trabalhar neste immenso monumento scientifico que o nosso seculo vai alevantando, é nas nações civilisadas, o emprego mais nobre que o homem pôde dar ás suas faculdades; em Portugal os que dedicam o tempo e gastam a vida nesta laboriosa tarefa não são nem ao menos conhecidos pelos seus compatriotas; encontram sempre cerradas as portas por onde se penetra no mundo politico.

Emprehender a publicação de um livro de sciencia é, nestas circumstancias, um acto que prova na pessoa que o tenta uma grande dedicação pela sua patria, um desejo sincero de propagar a instrucção de que tanto se carece entre nós.

O Sr. Julio Pimentel, lente de chymica da escola polytechnica, acaba de annunciar a publicação de uma obra extensa sobre a sciencia que professa. A publicação de uma obra de chymica escripta com simplicidade, e segundo um plano essencialmente, pratico era indispensavel ao paiz. — A chymica é hoje a sciencia industrial por excellencia; os melhoramentos, as descobertas importantes feitas nas artes nestes ultimos annos, são, na maxima parte, devidas á mechanica e á chymica. Os conhecimentos fundamentaes desta ulti-

ma sciencia são extremamente necessarios aos homens que se empregam em qualquer ramo industrial: popularisar esses conhecimentos pelo livro e pelo ensino publico é contribuir efficazmente para o crescimento da prosperidade publica, é semear o thesouro precioso que tem feito da Inglaterra o paiz mais poderoso da Europa, o thesouro da industria que é o unico que tem valôr real.

A publicação da obra do Sr. Pimentel não pôde deixar de encontrar um grande obstaculo na falta de consummo que o paiz faz de obras scientificas, e que resulta da sua pouca instrucção. — E' um martyrio que conhecem todos os que tem escripto e impresso alguma obra em Portugal, esse martyrio atroz que padece o pobre auctor que se vê na dura necessidade de pedir *por favor* aos seus amigos, que lhe obtenham consummidores para a sua obra; como se uma obra litteraria ou scientifica não fosse um verdadeiro valôr, não custasse horas de trabalho, cuidados, vigílias, e dinheiro a quem a escreve.

Temos com tudo esperança que os editores de tão util livro encontrarão apoio nos individuos que se dedicam aos diversos ramos de industria, e que poderão assim enriquecer o paiz com um tratado completo de chymica.

NOTICIAS.

FUNDOS PUBLICOS.

Em 3 de Março.

PRAÇA DE LISBOA.

No dia 26 de Fevereiro o preço dos fundos foi o seguinte:

| | Compra | Venda |
|------------------------------|---------|------------------|
| Notas do Banco de Lisboa | 2,8040 | 2,8020 |
| Tres operações | 24 | 26 |
| Inscrições de 5 por cento | 49 | 51 |
| Ditas de 4 por cento | 41 | 42 |
| Papel-moeda | 11 | 12 m. f. |
| Titulos antigos (azues) | 4 | 6 |
| Escriptos para as alfandegas | 88 | 90 |
| Na 6.ª parte | 84 | 85 |
| Acções do Banco de Portugal | 465,000 | 470,000 |
| Ditas das Lezírias | 345,000 | 350,000 |
| Ditas — Seguro Firmeza | 350,000 | 355,000 |
| Ditas — Fidelidade | 24,000 | 25,000 |
| Ditas — Omnibus | 70,000 | 75,000 |
| Ditas — Pescarias | 27,000 | 28,000 |
| Ditas — Vapores do Têjo | 24,000 | 25,000 |
| Ditas — União Commercial | 56,000 | 58,000 |
| Ditas — Fiação e Tecidos | 70,000 | 72,000 |
| Ditas — Walla d'Azambuja | 100,000 | por acção. |
| Confiança Nacional | 395,000 | 400,000 |
| Obras Publicas | | 3 a 3 1/2 por c. |

ALFANDEGA DO TERREIRO.

Movimento dos cereaes de 16 a 22 de Fevereiro de 1849.

| | Trigo | | Cevada | | Milho | | Cevada | |
|------------|-----------|-------|-----------|-------|-----------|-------|-----------|-------|
| | moios | alq.ª | moios | alq.ª | moios | alq.ª | moios | alq.ª |
| Entrada | 948 | 49 | 72 | 12 | 105 | 40 | — | — |
| Despacho | 873 | 7 | 121 | 24 | 25 | 20 | — | — |
| Existencia | 7329 | 37 | 1951 | 49 | 817 | 7 | 130 | 13 |
| Preços | 360 a 560 | | 220 a 260 | | 300 a 340 | | 220 a 300 | |

CAMBIOS EM LISBOA.

Em 19 de Fevereiro.

| | Cambios | Cotado | Dinheiro | Papel | Effectuado |
|------------------------|-----------|--------|----------|-------|------------|
| Londres 30 d. v. | 53 | — | — | — | 53 |
| » 60 d. v. | 53 1 oit. | — | — | — | 53 1 oit |
| » 90 d. v. | 53 | — | — | — | 53 |
| Pariz 100 d. d. | 528 | — | — | — | — |
| » 3 d. v. | 536 | — | — | — | — |
| Hamburgo 3 m. d. | 48 | — | — | — | 48 |
| Amsterdam . . . dito | 42 | — | — | — | — |
| Genova dito | 518 | — | — | — | 520 |
| Vienna dito | 400 | — | — | — | — |
| Trieste dito | 400 | — | — | — | — |
| Liórne dito | 140 | — | — | — | — |
| Napoles dito | 750 | — | — | — | — |
| Madrid 15 d. v. | 920 | — | — | — | — |
| Cadiz 15 d. v. | 920 | — | — | — | — |
| Porto 8 d. v. | 1 p. c. | — | — | — | — |

FUNDOS EM LONDRES.

Em 16 de Fevereiro.

INGLEZES.

| | |
|-----------------------------|-----------|
| Consolidados de 3 por cento | 94 1 oit. |
| Consolidados | 94 1 oit. |
| Reduzidos de 3 por cento | 94 1 oit. |
| » de 3 por cento | 95 3 oit. |

ESTRANGEIROS.

| | | |
|---------------------------------|----|----|
| Portuguezes de 3 por cento | — | — |
| » 4 por cento B. | 25 | 26 |
| Hespanhões de 5 por cento | 17 | 18 |
| » 3 por cento | 29 | 30 |
| Brazileiros de 5 por cento 1824 | 81 | 83 |
| » dito 1829 1839 | — | — |

METAES.

| | Compra | Venda |
|---------------------|---------|---------|
| Peças de 8,000 | 7,8980 | 8,0000 |
| Oncas hespanholas | 14,3570 | 14,6000 |
| Soberanos | 4,3490 | 4,3500 |
| Ouro cerceado | 1,3940 | 1,3970 |
| Dito em barra | 25 | 26 |
| Patacas hespanholas | 920 | 923 |
| Ditas brazileiras | 920 | 923 |
| Ditas mexicanas | 920 | 923 |
| Prata em barra | 28 | — |